

cR | Centro
de Referência
Paulo Freire



Instituto Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo do
Centro de Referência Paulo Freire**

acervo.paulofreire.org

Paulo Freire entra na cartilha do país

■ Educador ganha prêmio inédito no Brasil por sua obra

FABRÍCIO MARQUES
E JOSÉ MARIA MAYRINK

SÃO PAULO — Aos 74 anos, conhecido mundialmente como criador de um método relâmpago de alfabetização, o pernambucano Paulo Freire experimenta um inédito reconhecimento no Brasil. Recentemente, foi agraciado com o prêmio Moinho Santista de 1995, que dividiu com o economista Celso Furtado, numa noite de gala. Cada um deles embolsou R\$ 35 mil, mas, para Freire, a premiação teve um sabor de vingança. Já recebera várias homenagens desse tipo, todas no exterior. No Brasil, onde só a esquerda costuma levá-lo a sério, era a primeira vez. “Não fico besta com uma honraria destas, mas dizer que me entristece seria mentira, pois gosto de me saber vivo”, festeja o educador, feliz com a possibilidade de, graças ao prêmio, poder “assinar cheques sem medo nos próximos meses”.

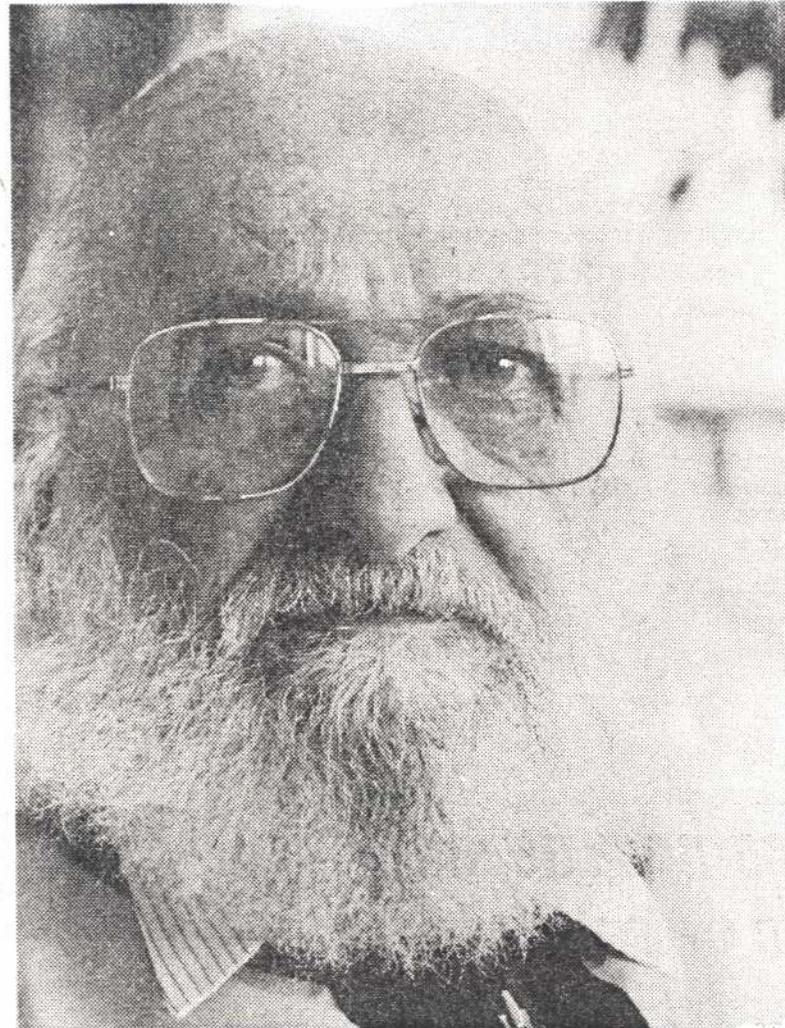
Paulo Freire escreveu 20 livros, mas ficou conhecido por uma idéia simples e revolucionária: no início dos anos 60, inventou um método que alfabetizou 300 trabalhadores rurais de uma cidade do interior do Rio Grande do Norte em apenas 45 dias. O então (e atual) governador de Pernambuco, Miguel Arraes, importou o modelo para um programa de alfabetização nas favelas de Recife e, em 1963, o presidente João Goulart adotou a técnica em nível

nacional. De modesto diretor do Serviço de Extensão Cultural da Universidade de Recife, Freire tornou-se ícone da esquerda brasileira no breve momento em que ela chegou ao poder. Isso lhe custou caro. Com a deposição de João Goulart, foi preso e exilado.

No exterior, ganhou fama. Deu aulas no Chile, na Suíça e nos Estados Unidos, fez conferências em universidades dos cinco continentes e acumula quase uma dezena de títulos de doutor *honoris causa* no estrangeiro. Atualmente, é membro do júri internacional da Unesco, o fundo das Nações Unidas para a ciência e cultura. No Brasil, Paulo Freire permaneceu como símbolo da esquerda. De volta ao país em 1980, só teve nova experiência na administração pública quando a petista Luiza Erundina eleger-se prefeita de São Paulo.

Briga — “Antes, enfatizava-se o método de alfabetização. Nos anos 70, conseguiu-se mostrar que a minha briga não foi pelo método de alfabetizar, mas pelo objeto de conhecimento, pela educação aberta e democrática”, avalia o educador, que não guarda mágoas dos tempos da ditadura: “Fui castigado porque mostrei que a miséria dos famintos não é castigo de uma perversidade do Papai do Céu, mas se deve à falta de conscientização das pessoas que vivem no analfabetismo. Não teria sido objeto de repulsa se tivesse me limitado ao *ba-be-bi-bo-bu*.”

O inventor do método instantâneo de alfabetização também



Paulo Freire esperou trinta anos para ter seu método reconhecido

não estranha que o país ainda tenha 40 milhões de analfabetos. “O processo de alfabetização não progrediu. Seria preciso ter vontade política para atacar o problema em sua totalidade investindo na educação de crianças, pois elas serão os adolescentes e adultos analfabetos de amanhã”, aconselha.

Nos dois anos em que estive à

frente da Secretaria Municipal da Educação de São Paulo, Paulo Freire criou um sistema de decisão colegiada que encantou as diversas correntes petistas. “Ele sabia conviver com a diversidade”, lembra Sônia Kruppa, que foi sua assessora. Mas não abria mão de certos preceitos. Quando alguma empresa vinha oferecer recursos para uma determinada escola,

Freire simplesmente dizia não. “Se você quer ajudar, que ajude a todas, não a uma só”, respondia.

Ao final da administração Erundina, as escolas municipais estavam todas reformadas e o salário dos professores era um dos mais altos do Brasil. Obra de Paulo Freire. E ele saiu satisfeito com os resultados: “Houve um salto de qualidade e de quantidade, num processo natural, porque escola em maior quantidade atrai mais alunos e, a partir daí, a luta passa a ser pela qualidade.”

A luta de Freire, hoje, é contra seus problemas de saúde. Teve um espasmo cerebral, meses atrás, quando estava em Paris. Correu para Genebra, a fim de se recuperar. De volta ao Brasil, os médicos lhe impuseram um regime que, disciplinado, ele vem seguindo à risca. Parou de escrever, reduziu o ritmo da leitura e está proibido de viajar de avião. Continua de repouso, mas vai retomando, aos poucos, a rotina de trabalho. Paulo Freire participa de um seminário de pós-graduação na PUC de São Paulo, todas as terças-feiras, mas limitou o trabalho de três para apenas uma hora. Como seqüela temporária do espasmo, sobrou-lhe um problema de memória. “Qual é mesmo o nome desse rapaz que ganhou o prêmio comigo?”, perguntou Freire, num destes lapsos. “Ah, claro, o Celso Furtado.” Furtado e Freire são velhos amigos. “A gente se quer e se compreende muito”, disse o educador, recordando a trajetória comum dos dois por causa da ditadura militar.

■ Histórias de prisão, depressão e amores maduros aos 74 anos

SÃO PAULO — Com os amigos, Paulo Freire é afável e adora contar histórias. Uma de suas preferidas remonta à prisão num quartel do Recife, logo depois do 31 de março de 1964. Um sargento veio procurá-lo com uma proposta. “Doutor, os soldados aqui são todos analfabetos. O senhor não podia dar uma ajuda?”, perguntou. Freire disse: “Mas, meu filho, eu estou aqui preso justamente por causa disso.”

Freire foi casado durante 42 anos com a professora Elza, que morreu em 1986, o que fez o educador passar por profunda depressão. Só saiu dela criando um hábito curioso: começou a fotografar as coisas e os lugares a sua volta. “Ele dizia que tinha vontade de fotografar os lugares onde esteve com a Elza”, lembra a jornalista Janete Ferraz, casada com Mário Sérgio Cortella, sucessor de Freire na secretaria da Educação paulistana.

Em 1988, voltou a se casar. Apaixonou-se por Ana Maria, a Nita, hoje com 61 anos, num romance maduro que poderia ter inspirado Gabriel Garcia Marquez em seu *O amor nos tempos do cólera*. Freire tinha sido, no Recife dos anos 40, professor da adolescente Ana Maria, que tornou-se educadora, casou, teve filhos, e ficou viúva em 1985. No ano seguinte, reencontrou Freire. Um dia, o professor declarou-se. “Nita, como você está bonita.” Logo começaram a namorar.

FRF-PTBF-01-0352

Roberto Faustino